

O novo mundo começa agora

Ruth Espínola Soriano de Souza Nunes*

O Fórum Social Mundial 2003 despediu-se do Brasil com a demonstração de que outro mundo não apenas é possível como também já é visível. Este ano, Porto Alegre acolheu cerca de 100 mil pessoas de 156 países que se dividiram em quase 2 mil atividades na mesma semana em que acontecia o gélido Fórum Econômico Mundial, em Davos.

Um passo importante foi dado. Todos os Fóruns nacionais, continentais e temáticos terão suas propostas compartilhadas de forma interativa no portal da Rede Social Mundial: www.redesocialmundial.org. Nela haverá também a agenda permanente de todas as iniciativas tomadas contra o neoliberalismo.

Por falar em alternativas, os eventos em torno do tema Economia Solidária destacaram-se no III Fórum como reais opções de desenvolvimento integral que já são praticadas no planeta. O crescimento das práticas econômicas associativas e solidárias tem representado uma resposta sistêmica à crise social produzida pela globalização seletiva e excludente do neoliberalismo. T tamanha emergência do campo da economia solidária evidencia o sentido claro de resistência das populações afetadas por esse processo.

Desde o I Fórum, redes nacionais têm se articulado nos preparativos das atividades sobre economia solidária na capital gaúcha. Ali foi lançada a Rede Global de Socioeconomia Solidária, com a participação de 21 países. Evidenciaram-se diferenças e semelhanças que fizeram com que o aprendizado na troca oferecesse robustez aos passos seguintes, entre eles o fortalecimento da Rede Brasileira de Socioeconomia Solidária nos estados brasileiros (www.redesolidaria.com.br); o Fórum Social Mundial de Pádua, em abril de 2001; o II Encontro Internacional sobre Globalização da Solidariedade, realizado em Quebec, em outubro do mesmo ano.



Arquivo Pacs

No II Fórum, as atividades sobre o tema já faziam parte do programa oficial. Entre estas, destacou-se a Conferência sobre Economia Solidária, que reuniu mais de 2 mil pessoas durante cinco horas na PUC/RS. A conferência foi complementada por seminário de um dia e meio para aprofundar os temas levantados. Além de várias oficinas apresentadas por atuantes e estudiosos de todo o mundo.

O III FSM foi um momento de discutir e implantar estratégias de fortalecimento dos empreendimentos em economia solidária no mundo. A preparação foi intensa por coletivizar e integrar todos os passos e decisões com mais de 20 redes no mundo, em pelo menos três línguas.

Mais uma vez, o tema obteve êxito em sensibilizar o Comitê Internacional do Fórum para o painel *Economia Solidária como Estratégia de Desenvolvimento Humano*, no eixo *Democracia e Desenvolvimento Sustentável*. Segundo estimativas da assessoria de imprensa do Fórum, cerca de 6 mil pessoas participaram do painel, dos

seminários e das oficinas deste ano, buscando conhecer as práticas que milhares de trabalhadores(as), produtores(as), consumidores(as), comerciantes, educadores(as) e comunicadores(as) vêm realizando em diferentes países.

A articulação brasileira – que representava as redes internacionais perante o Comitê Internacional do Fórum – assumiu também a tarefa de promover a articulação pela representação da Economia Solidária no governo Lula, ainda no segundo turno das eleições presidenciais de 2002. O intento foi concretizado durante o governo de transição. Hoje, a Secretaria Nacional de Economia Solidária, vinculada ao Ministério do Trabalho, já é uma realidade. Nosso próximo passo é consolidar o Fórum Brasileiro de Economia Solidária, valioso espaço de interlocução entre governo e sociedade, cuja criação também foi anunciada em Porto Alegre.

* Economista do Pacs e membro do Grupo de Trabalho organizador das atividades de Economia Solidária no III FSM.

- Chilo Altigracia Villarreal conta sua experiência com os povos indígenas **Pág. 3**
- Lançada durante o III Fórum nova campanha para fortalecer o movimento contra a Alca no Brasil **Pág. 5**

Economia solidária deixa sua marca no III FSM

Artigo baseado no relatório escrito por Philippe Amouroux e Françoise Wautiez



A economia solidária nasceu como consequência dos problemas do modelo de desenvolvimento econômico moderno: falta de dinheiro; não-acessibilidade de grande parte da população ao sistema econômico, ao crédito e à iniciativa econômica; aumento da distância entre pessoas ricas e pobres; e destruição do meio ambiente por conta de uma lógica de mercado guiada pela competição e pelo poder financeiro. Hoje, começa a emergir não somente como uma alternativa ao sistema, mais como a pré-figuração de uma economia humanizada. Com certeza, tudo isto é muito recente e os(as) militantes da economia solidária, que somos nós, estamos agora em vias de batalhar cotidianamente para mostrar o que a iniciativa traz de novo e de empreendedor.

O Grupo de Trabalho brasileiro organizou junto com redes de outros países os principais eventos de Economia Solidária do III Fórum Social Mundial. Como no ano passado, para permitir uma melhor comunicação, o PSES (Polo de Socioeconomia Solidária, da Aliança) animou um fórum eletrônico em francês, inglês, espanhol e português, com forte participação brasileira e francesa, mas também com participantes de diversos países da América Latina, América do Norte, Europa, África e Ásia. Comparando com 2001, alguns pontos positivos se destacam nesta articulação: o diálogo foi iniciado no verão europeu (julho 2002) ao passo que no II FSM as atividades começaram apenas em outubro de 2001; o número de mensagens trocadas passou de 100 para 215; todas as discussões foram baseadas nas conclusões do último FSM: temas a serem tratados com prioridade, melhorias a serem trazidas ao processo coletivo, o número de redes nacionais participantes do diálogo subiu de 13 para 19 etc.

A Rede de Promotores pôde, assim, organizar um programa comum compreendendo o painel *Economia Solidária como Estratégia de Desenvolvimento Humano* e quatro seminários sobre os seguintes temas: *Consumo Ético e Comércio Justo, Estado e Políticas Públicas para a Economia Solidária, Sistema Financeiro Solidário, Práticas Inovadoras e Autogestão*. Foi organizado também um seminário com a síntese geral de todos os eventos e mais uma dezena de oficinas sobre os temas precedentes e afins ao da socioeconomia. Uma análise geral de todas as propostas apresentadas durante o Fórum revela a medida da integração dessas atividades, o que pode ser checado no sítio: www.socioeco.org/proposals/index_fr.html.

O processo de síntese foi objeto de trabalho coletivo muito bem coordenado. Primeiro, os GTs fizeram as discussões por tema, depois se reuniram com representantes de cada tema e uma equipe de síntese global antes da mesa-redonda final. A síntese geral dos eventos aconteceu em duas ocasiões: uma, a Mesa de Confluência dos cinco grupos temáticos do Eixo 1 do FSM (*Desenvolvimento Democrático Sustentável*, animada por Walden Bello), na qual Carola Reintjes (Reas/Espanha) e Marcos Arruda (Pacs/Brasil) falaram pelo Grupo de Economia Solidária. A outra, a Mesa de Síntese, em que participaram Carola, Marcos e os relatores dos seminários e algumas oficinas, em um salão com 600 participantes. Fora do programa comum, muitos outros seminários e oficinas sobre temas ligados à Economia Solidária foram organizados. Isto representa cerca de 130 eventos, ou seja, 8% das quase 2 mil atividades realizadas durante o III FSM.

Mesmo neste Fórum Social Mundial fomos obrigados a lutar por um lugar para nos expressar. Entretanto, podemos considerar que o trabalho realizado trouxe seus frutos: durante a intervenção final do painel de síntese, Walden Bello expressou que não se trata somente de lutar contra a globalização e de desconstruir o atual sistema, mas que é necessário construir uma nova economia, mais humana. Ele assinalou que a economia solidária já é um testemunho prático desta nova economia e uma porta se abre para ela.

A presença dos(as) militantes de economia solidária em Porto Alegre permitiu realizar três reuniões de coordenação do Polo de Socioeconomia Solidária (equipe global de animação, animadores e os(as) participantes mais ativos dos canteiros (grupos temáticos). Os assuntos discutidos foram: o funcionamento dos canteiros, a transversalidade entre os canteiros e colégios da Aliança, aumento da participação geográfica (sobre continentes pouco representados), a via colegial, mulheres, atores de base, articulação com os movimentos sociais, as redes operacionais da economia solidária e a divulgação e o impacto dos trabalhos dos canteiros. Para além, muitos canteiros (Mulheres e Economia, Moeda Social, Comércio Justo, Indicadores, Visão) realizaram reuniões para elaborar um plano de ação em 2003, o qual será proposto nas próximas semanas por meio dos fóruns eletrônicos.

O III Fórum Social Mundial foi marcado por um progresso do trabalho coletivo das organizações, da elaboração de propostas e da partilha da diversidade de formas de ação. É a impressão que fica das mesas de controvérsias e painéis – plenamente vivenciada nos grandes eventos sobre economia solidária, seminários e oficinas. Certamente, sabemos que temos longo caminho a trilhar, mas avançamos bastante este ano. Agora, o desafio será o IV Fórum Social Mundial, na Índia em 2004.

Tradução: Hermila Figueirêdo

Philippe Amouroux é um dos animadores globais do Polo de Socioeconomia Solidária (PSES), da Aliança por um Mundo Responsável, Plural e Solidário. Responsável pelo Programa "Uma economia por uma sociedade solidária" na FPH (Fundação para o Progresso Humano).

Françoise Wautiez é economista e moderadora de uma das listas/fóruns do PSES.

Chilo Altagracia Villarreal acompanha o cotidiano de povos indígenas há 31 anos. Participa da Coalizão Rural México/EUA, rede que está completando 25 anos e conta com 80 instituições, 60 estadunidenses e 20 mexicanas. “Com os índios, aprendi a conhecer a realidade, a valorizar nossa cultura, aprendi que se os estudos não estão ligados a um processo organizativo não ajudam e, ao contrário, distanciam-nos das comunidades e suas organizações.”

Entrevistadora: Ruth Espínola Soriano de Souza Nunes
Tradução: Hermila Figueirêdo



Como tem sido essas três décadas de trabalho com povos indígenas?

Dos primeiros 8 anos, passei 3 anos na comunidade Totonaca, no estado de Vera Cruz, e 5 anos em uma comunidade Tarahumara, no estado de Chihuahua. Depois, passei 18 anos em uma instituição nacional de apoio aos povos indígenas do México, América Central e algumas comunidades da América do Sul. Nos últimos 5 anos, tenho acompanhado povos indígenas no Cosyddhac, na Comissão de Direitos Humanos do estado de Chihuahua, como também tenho atuado no norte do México.

Em 1994, a Coalizão Rural Norte-Americana nos convidou a participar de sua assembléia. Nesse primeiro contato, nos surpreendemos por encontrar muitas semelhanças com as problemáticas que enfrentamos, assim como pontos comuns na solução. Em 1997, decidimos nos integrar à Coalizão Rural, que também pertence à Aliança por um Mundo Responsável, Plural e Solidário e ao PSES (Polo de Socioeconomia Solidária). Temos participado, com as redes internacionais de economia social e solidária, sobretudo do II e III FSM. Também fazemos parte da Rede Intercontinental para a Promoção da Economia Social Solidária.

Como é a iniciativa que vocês desenvolvem com pequenos fazendeiros?

Somos uma aliança de organizações regional e culturalmente diversa dos Estados Unidos e do México e queremos construir um sistema alimentar mais justo e sustentável. Queremos que os produtores e comunidades recebam melhores preços por seus produtos; assegurar condições justas de trabalho e melhores salários para os trabalhadores agrícolas; proteger o meio ambiente; distribuir alimentos seguros e saudáveis aos consumidores. Algumas das comunidades possuem 30 a 40 famílias, outras cerca de 1 mil a 2 mil.

Como se dá a participação das mulheres?

Na maioria de nossas organizações, as mulheres têm participação ativa, desempenhando cargos de direção e administração. Dos 14 integrantes da direção da Coalizão Rural, 8 são mulheres. Temos uma secretária-executiva e as pessoas que trabalham no Escritório Central são mulheres.

Que tipo de parceria a Coalizão desenvolve com a Rede Brasileira de Socioeconomia Solidária?

Em 1998, o Pacs nos convidou para participar do Encontro Intercontinental de Socioeconomia Solidária. Pela internet, compartilhamos experiências e, a partir daí, estabeleceu-se uma estreita relação de apoio e solidariedade. Em 1999, Sandra Quintela, do Pacs, e Valéria Barreto, de Mãos Mineiras - MG, participaram da Assembléia da Coalizão Rural no México. Em 2000, fomos convidadas a participar do I Encontro Brasileiro de Cultura e Socioeconomia Solidárias, em Mendes, RJ. Compartilhamos nossas experiências com os demais participantes, assim como temos feito no Fórum Social Mundial. A experiência da Rede Brasileira é um alento e nos dá esperanças para estruturar rede semelhante no México.

Quais os principais desafios para desenvolver a economia solidária na América do Norte?

Alguns desafios são: integrar os temas da produção coletiva, da comercialização justa e do consumo ético nos programas de capacitação contínua e consolidar as redes de produção-intercâmbio-circulação-consumo de valores vitais, desde as menores aos gigantes do poder. Uma estratégia-chave é cultivar o vital com seus paradigmas: cultura-identidade-segurança-governabilidade e sustentabilidade-economia. Ver a construção da socioeconomia solidária como um projeto político e pedagógico.

O que achou do III Fórum Social Mundial?

Este ano, notei os avanços que temos construído em relação à socioeconomia solidária. O painel nos brindou com uma diversidade de atividades e de países, o que nos permitiu constatar que estamos no caminho certo e temos consolidado espaços mais amplos.

Entre outros eventos, participei da oficina “O que virá depois do capitalismo?”, na qual estive o secretário nacional de Economia Solidária, Paul Singer. Foi muito evidente a descoberta de que a socioeconomia solidária parte do que estamos fazendo aqui e agora, porém sem elaborar completamente a teoria. Ou seja, partimos da prática, mas estamos sistematizando essa economia, que é integral e abarca todas as partes da vida e suas necessidades. O Fórum Social Mundial tem sido um espaço de encontro, de diálogo, de discussão e de propostas. Sinto-me fortalecida por conhecer outras experiências de outros países e continentes.

Bússola

Feira de Trocas no III FSM

Em Porto Alegre, no dia 26, o Pacs ajudou a organizar uma Feira de Trocas Solidárias com a participação de aproximadamente 70 pessoas, que levaram produtos e serviços de toda sorte. De comidas e bebidas a artesanatos, bijuterias, livros, CDs e máquinas de costura, entre outros. “A Feira aconteceu num clima tranqüilo e com uma metodologia participativa, assim as pessoas puderam opinar sobre todos os encaminhamentos, levando-as a se sentirem parte do processo”, contou Robson Patrocínio, que também representou a instituição no evento.

Para ele, o mais importante da Feira foi a oportunidade de colocar em prática tudo o que havia sido discutido no encontro do dia anterior. “Observaram-se avanços significativos que poderão ser utilizados em feiras mais pontuais, além das trocas de saberes a partir de projetos potenciais que vêm dando certo. Discutir com os participantes, ouvir diversos pontos de vista ajudou a pensar cada vez melhor os processos da Rede de Trocas Solidária”, anima-se ele.

Intercâmbio solidário

O Pacs participou, de forma significativa, do Encontro da Rede de Trocas no dia 25 de janeiro, durante o III FSM. Cerca de 60 pessoas compareceram, integrantes dos grupos de trocas de Porto Alegre, mas também de outros estados – Rio de Janeiro, São Paulo e Florianópolis – e da Argentina. Heloísa Primavera (Argentina) abriu o evento, situando historicamente as redes de trocas em seu país e fazendo uma análise internacional do movimento.

Outro momento a destacar foi a apresentação das experiências dos grupos de trocas do Rio Grande do Sul. A iniciativa vem ganhando força nos últimos tempos no estado. Hoje já são 11 grupos, com participação de cooperativas, que vêm se organizando e fazendo feiras permanentes.

“Cada intervenção revelava o quanto é possível desenvolver as redes de trocas a partir da iniciativa local, do encontro entre cada comunidade, que gera novas relações e possibilidades de geração de vida, de novos valores, humanização e fartura”, conta Robson Patrocínio, pesquisador do Pacs presente ao Encontro.

Na ocasião, foram discutidas formas concretas de socialização das informações e caminhos para os grupos se encontrarem, tendo como sugestão a criação de uma página, já cadastrada na internet: www.clubesdetrocas.com.br.

“Relatei a experiência da Rede de Trocas do Rio de Janeiro e qual tem sido a contribuição do Pacs nesse processo. O destaque foi para os trabalhos de animação e assessoria que a instituição vem desenvolvendo”, disse.

Problemas e soluções comuns

O Pacs participou de um seminário, nos dois dias anteriores à abertura do Fórum, com membros da campanha Jubileu Sul Internacional. Foi uma oportunidade para trocar informações sobre a situação socioeconômica de diversos países do grande Sul – África, Ásia e América Latina.

“É impressionante constatar que os impactos das políticas de ajuste estrutural, refletidas nos processos de privatização, diminuição do papel do Estado, políticas de contínuo e crescente pagamento da dívida externa – apenas para citar alguns pontos – são comuns à maioria dos países que hoje estão sob a intervenção do FMI. É cada vez mais clara a necessidade de aprofundarmos as alianças entre os povos do Sul”, afirmou a economista Sandra Quintela, coordenadora de Programas do Pacs e integrante da Campanha.

Hora certa

- As reuniões do Fórum de Cooperativismo Popular do Rio de Janeiro acontecem às segundas terças-feiras de cada mês, em local e horário a serem definidos pelos grupos, que trabalham em sistema de rodízio. Mais informações no Cedac - nova secretaria do Fórum: (21) 2509-0263
- As Feiras de Trocas Solidárias do Museu da República continuam em 2003, sempre das 18h às 21h. Em março será no dia 25; em abril, 8 e 22; e em maio, 6 e 20. O Museu fica na Rua do Catete, nº 153. Informações no Pacs: (21) 2210-2124
- Em maio, vai acontecer o Fórum Estadual de Economia Solidária, um espaço de articulação do Rio de Janeiro com a nova Secretaria Nacional de Economia Solidária do governo federal. Participe. Mais informações no Pacs: (21) 2210-2124



Campanha contra Alca sai fortalecida de Porto Alegre

Sandra Quintela *

No dia 23, na grande marcha contra a guerra, já se podia antever claramente a importância da temática da Alca neste terceiro Fórum. Inúmeros cartazes, faixas, camisetas, *bottons* e palavras de ordem veiculavam fortemente uma mensagem clara – Não à Alca! Para nós, já era um primeiro sinal – claríssimo – que o tema de fato está incorporado às agendas dos movimentos em todo o continente americano.

Ao longo do Fórum, alguns seminários e oficinas foram realizados também neste contexto. Tivemos a oportunidade de participar do seminário *Dívida, Alca e Militarização*, organizado pela Campanha Jubileu Sul. Estiveram presentes Adolfo Perez Esquivel (Argentina), Brigadeiro Ivan Frota (Brasil), Alberto Acosta e Cecília Cherrez (Equador).

A tríplice estratégia do Império, explicitada no título do seminário, foi ilustrada com exemplos da realidade latino-americana: tropas estadunidenses na região da tríplice fronteira (Brasil, Argentina e Paraguai); o contínuo e crescente pagamento da dívida externa e o dogma do livre comércio que faz, por exemplo, o Equador importar batata, milho e leite do Canadá, dos EUA e da Bélgica, respectivamente, fazendo com que pareça que cresceu o comércio entre países latino-americanos. Assim, a origem dos produtos é disfarçada, sendo que esses são encontrados em abundância no Equador, não ficando claro como triangulam o comércio.

Movimento reforçado

No dia 27, outra grande marcha aconteceu. Desta vez, contra a Alca e o processo de militarização mundial. Cerca de 40 mil pessoas marcharam em direção ao centro de Porto Alegre, onde foi realizado um ato contra a guerra. Lá estavam representantes do Iraque, EUA, Quênia, França, Cuba, México, Venezuela e Índia. Representando simbolicamente a campanha brasileira contra a Alca, Dom Tomaz Balduino fez o lançamento do abaixo-assinado que a Campanha estará articulando em 2003 como forma de dar continuidade ao plebiscito, realizado em setembro de 2002. O abaixo assinado exige:

- realização imediata de Auditoria Pública sobre a dívida externa brasileira, conforme determina a Constituição Federal, com a participação de entidades da sociedade;
- imediata anulação do Acordo de Cessão da Base de Alcântara aos Estados Unidos;
- convocação de plebiscito oficial sobre a Alca, ainda em 2003, a fim de garantir o direito ao povo brasileiro de decidir os destinos do país.

Além dessas atividades, aconteceram duas reuniões da Campanha Continental contra a Alca, com representantes de 20 países americanos e de 19 redes continentais. Para este ano, o grande desafio da campanha é articular na agenda política os temas relacionados à OMC (Organização Mundial de Comércio). Estão previstas na agenda oficial duas reuniões fundamentais: uma da OMC Cancun (México), de 10 a 14 de setembro, e outra, Ministerial da Alca Miami (EUA), em novembro. Considerando esta agenda, a organização da campanha pretende:

- articular todas as formas de divulgar as campanhas contra a OMC e a Alca como parte de um movimento mais amplo contra o livre comércio;
- trabalhar o eixo da campanha continental até Miami – “Parem as negociações já”;
- pressionar os governos, no caso de governos populares como o do Brasil e Equador, exigindo transparência sobre o que está sendo negociado, ao mesmo tempo buscando abrir o debate em torno de um projeto de integração alternativo;
- desenvolver ações contra multinacionais com interesse na Alca (Ex. área agrícola).

Em Miami, será também o momento de apresentação dos resultados de todas as consultas populares realizadas no continente americano. É lá que, entre outros, apresentaremos o resultado do plebiscito brasileiro.



Desde o I FSM, a Campanha Jubileu Sul vem desenvolvendo atividades que colocam a questão da dívida externa no centro do debate político e macroeconômico.

Fazendo uma retrospectiva dos três Fóruns, observamos que a questão vem ampliando seu espaço de debate. No I Fórum, apenas algumas oficinas foram realizadas, além da inclusão em uma das conferências como subtema.

No II FSM, o tema ganhou uma conferência específica, um seminário sobre a auditoria da dívida e um grande evento – o Tribunal Internacional dos Povos sobre a Dívida. Ali, escutamos cerca de 22 depoimentos de representantes das campanhas contra a dívida na África, Ásia e América Latina, além de contar com cerca de 2 mil participantes ao longo de um dia e meio. Saímos de lá com documentos valiosos comprobatórios da ilegitimidade da dívida (disponíveis no Pacs).

Em 2003, além da participação em uma das grandes conferências realizadas no Ginásio de Esportes Gigantinho, tivemos um painel sobre a temática e a Campanha Jubileu Sul realizou quatro seminários: *Não Pagamento* (articulado com o CADTM – Comitê pela Anulação da Dívida dos Países do Terceiro Mundo); *Choque Redistributivo*; *Estratégias Frente à Ilegalidade da Dívida*; *Auditoria da Dívida*; e *Dívida, Alca e Militarização*.

Desses seminários saíram várias propostas, encaminhadas ao Comitê Organizador do FSM que está compilando os resultados dos debates ocorridos este ano. Entre as diversas propostas apresentadas destacam-se:

- promover processos de formação massivos que esclareçam a interligação entre os temas Dívida, Alca/OMC e Militarização;
- utilizar os argumentos jurídicos: Dívida Odiosa, Força Maior etc para o cancelamento da dívida;
- investigar, denunciar e exigir julgamento e reparações nos casos de utilização de recursos de endividamento para sustentar regimes ditatoriais que promoveram genocídio contra seus povos, aos quais ainda foi imposto o ônus da dívida;
- denunciar o desrespeito aos direitos humanos devido à priorização dos compromissos financeiros, em detrimento das necessidades sociais;
- aprofundar a discussão sobre um processo de arbitragem justo e transparente, promovido por uma Corte Internacional independente e neutra;
- discutir democraticamente a criação de um Código Financeiro Internacional que garanta justiça nas relações financeiras internacionais;
- denunciar a exploração que tem sido perpetrada pelos organismos internacionais – FMI, Bird, Banco Mundial – e romper com os programas de ajuste que têm sido implementados de forma arbitrária, definidos unilateralmente por esses organismos, que agem como representantes dos credores;
- promover a iniciativa da Auditoria Cidadã em cada país, como forma de denunciar as ilegitimidades do processo de endividamento, respaldando-as em documentos e dados. ☺

A íntegra das propostas pode ser solicitada ao Pacs, pelo endereço eletrônico: sandraq@pacs.org.br

* Economista, coordenadora de Programas do Pacs e integrante da Campanha Jubileu Sul

Publicação trimestral do Pacs – Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul

Apoio: Christian Aid, Trocaire e Ação Quaresmal

Coordenação-Geral: Marcos Arruda

Coordenação de Programas: Sandra Quintela

Conselho Editorial: Alain Simon, Cristiane Maria de Souza, Hermila Figueirêdo, Jussara Oliveira, Kátia Aguiar, Neli Belem, Pedro Quaresma, Robson Patrocínio, Ruth Espínola Soriano de Souza Nunes e Terezinha Pimenta

Distribuição: Gustavo Jorge Vaccihi e Leilane Brito
Pedidos de exemplares ao Pacs:

Av. Rio Branco, 277 - 16º andar - sala 1609
Centro • Rio de Janeiro • RJ • CEP 20.040-009

Tel/Fax: (21) 2210-2124

documentos@pacs.org.br

Edição: AnaCris Bittencourt

Projeto gráfico e diagramação: Rogério Nascimento

Impressão: Grafthaly Gráfica e Editora

Tiragem: 1.500 exemplares